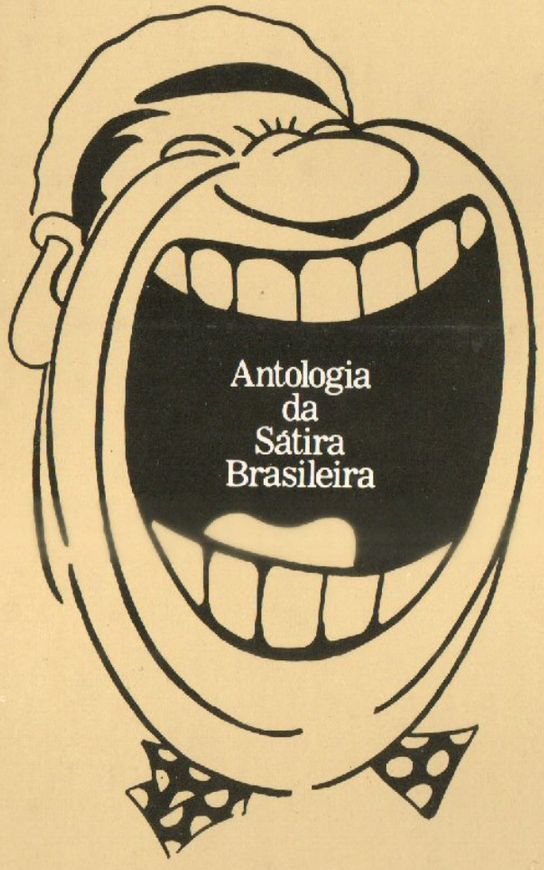
Antologia da Sátira Brasileira

BASF

Antologia da Sátira Brasileira

BASF



Apoio Cultural

BASF

Retrato de um Povo

A *fita* 50 anos de Memória Brasileira, *lançada em 1984 como parte das comemorações do cinqüentenário da invenção da fita magnética - uma patente BASF - resgatou momentos importantes que marcaram a história do Brasil.*
Se essa fita trouxe os fatos na voz dos personagens que fizeram a história, a Antologia da Sátira Brasileira *vem mostrar como nossos artistas interpretaram aqueles e outros acontecimentos, agora abrangendo um período mais amplo da vida do país.*
Para realizar esta Antologia *recorreu-se a dezenas de arquivos e coleções públicas e particulares. Nesse trabalho de garimpo fonográfico, ficou evidente que os documentos sonoros, embora riquíssimos, encontram-se dispersos, quando não em estado de penúria.*
Esta fita preserva apenas uma pequena parcela desse acervo imenso e prova que a história de um povo pode ser contada, de maneira saborosa, a partir do humor e da sátira.

Ricardo Botelho

Chico Anísio, "Salomé"

João Figueiredo

Aparício Torelly, "Barão de Itararé"

Getúlio Vargas

Ratinho

Jararaca

Tancredo Neves, por Álvarus

Rita Lee

"O rádio", por Seth

Jô Soares

Juca Chaves

Alvarenga

Ranchinho

Ronald Golias

RIDENDO CASTIGAT MORES*

Nestas três palavras está concentrada a essência da sátira, a mais temida forma de oposição aos poderosos de todos os matizes. Os donos do poder podem não se assustar com o protesto direto, mas a sátira os apavora. O DIP — Departamento de Imprensa e Propaganda — órgão encarregado da censura durante o Estado Novo e, mais recentemente, a dona Solange, de Brasília, que o digam...

A literatura está repleta de obras que fustigam impiedosamente política e políticos: a variedade é tão grande que se geraram personagens com características idênticas no aspecto físico, na maneira de trajar, de gesticular, de dizer "povo", "democracia" e, especialmente, de prometer. Esses elementos do folclore local, nacional e até internacional constituem a síntese de todos os tipos humanos que a sociedade — impotente para se defender de outra maneira — passou a satirizar, refletindo, como num espelho de circo, as suas imagens deformadas, muitas vezes grotescamente mais reais do que a própria realidade.

A sátira é a forma mais eficiente e direta de transformar em humor o protesto. O humor, por sua vez, é a fórmula universal de dizer com graça o que todo mundo gostaria de falar mas não sabe ou não pode. Cada povo tem sua maneira típica de fazer humor: a dos ingleses é sutil e elegante; a dos napolitanos, quinta-essência do humor italiano, é galhofeira e brincalhona; a dos americanos é mais mímica do que verbal, como as gags dos seus filmes. O humor brasileiro é tudo isso e algo mais: é dessacralizador do cotidiano. Um cotidiano abrangente, visto pelo prisma não do intelectual, mas do homem comum, que vê as coisas como elas são, sem o falso brilho culturalesco.

O brasileiro, no momento de fazer humor, é um só, fala a mesma linguagem, tenha ele saído de uma universidade ou da dura escola da vida. Nas canções, em que derrama toda sua sabedoria, o sambista, o caipira ou o repentista faz humor com o que para outros é queixume sentimental ou existencial.

Nesta Antologia *encontramos as várias modalidades com que se expressam o humor e a sátira, e os meios pelos quais se comunicam e expandem: o disco, o rádio, o cinema e a televisão. Mas estes são apenas meios. A criatividade, neste sentido, é mais coletiva do que individual. A centelha acende-se melhor numa mesa de bar, numa roda de samba, numa feira do interior e, por isso, o produto final não é fabricado mas já nasce feito. Tão logo sai a última nota ou a última palavra de uma "sacada", o povo dela se apossa, tornando-a de domínio público, e não há censura que a consiga enjaular.*

Uma das maiores preocupações dos compiladores desta Antologia *foi a de selecionar o material fônico. É sempre assim: reúnem-se os primeiros fonogramas e desaba uma avalanche de coisas boas, ótimas, fantásticas. Como suprimir um ou outro fonograma? Foi esta, talvez, uma das raras ocasiões em que o humor quase fez chorar.*

Enfim, aqui está o resultado: um alegre caleidoscópio traduzido numa conversa de uma hora, entremeada de documentos sonoros divertidos, mostrando quão descontraído, fantasioso e vivaz é o espírito popular brasileiro.

Maurício Quadrio

* "O RISO CORRIGE OS COSTUMES" — frase do poeta francês Jean de Santeul (1630 - 1697), proferida na inauguração do busto do arlequim Domenico Biancolelli.

um lado

Casa Edison Rua S. Bento, 38-B
Rua 15 de Nov. 26

GUSTAVO FIGNER

Coisa nenhuma proporcionará tanto prazer
e a tantas pessoas, por tanto tempo e por um
custo tão pequeno, como um grammophone
aperfeiçoado da CASA EDISON.

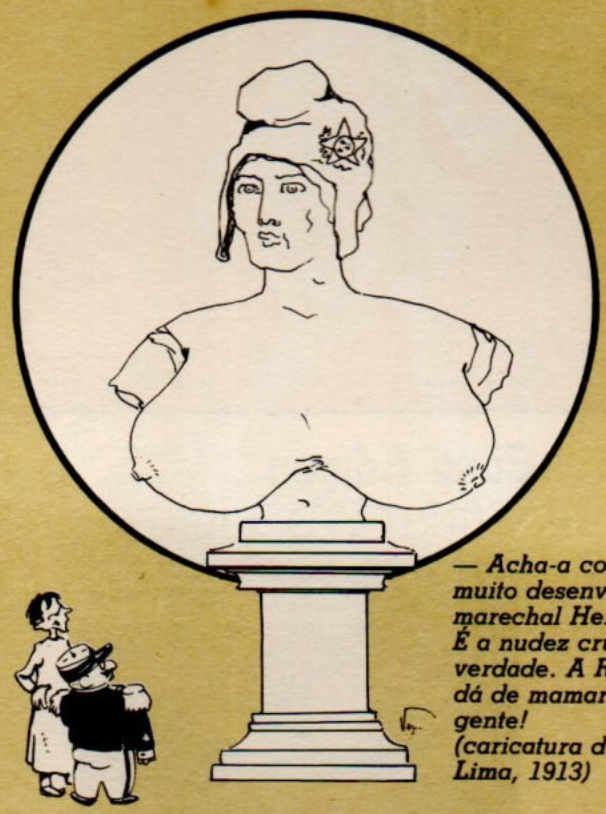
D I S C O

Novembro de 1889: o comendador Carlos Monteiro de Sousa, amigo de Thomas Edison, faz uma demonstração do fonógrafo, para espanto da corte e do próprio imperador D. Pedro II. Ele nem de longe imaginava que aquela gravação, provavelmente a primeira realizada no Brasil, deixaria registrados, num cilindro de cera, os últimos suspiros do Império.

Dois anos mais tarde, Frederico Figner, um tcheco naturalizado norte-americano, desembarca em Belém do Pará com outro fonógrafo e corre os estados do norte e nordeste exibindo a invenção de Edison. Em apenas um mês, mais de quatro mil pessoas pagaram para ver — e ouvir — a máquina falante.

Figner acabou se fixando no Rio de Janeiro, onde, em 1900, fundou nossa primeira gravadora, a Casa Edison. O cilindro de cera foi substituído pelo disco, também de cera, invenção de Berliner. Esses discos pioneiros registravam, na voz de artistas como Cadete e Bahiano, cançonetas e sátiras, já naquela época inspiradas na política nacional.

O texto em negrito é o roteiro da gravação seguido de comentários sobre os fonogramas, seus autores e intérpretes e o período histórico a que se referem.



— Acha-a com os seios muito desenvolvidos, marechal Hermes?... É a nudez crua da verdade. A República dá de mamar a tanta gente!
(caricatura de Vasco Lima, 1913)

Sessão no Congresso (entre 1909/10) — arranjo cômico de ***Manuel Evêncio da Costa Moreira***, "Cadete".*

Cadete foi o primeiro cantor de música popular urbana a gravar comercialmente, ainda pelo sistema de cilindros de cera. Estreou na Casa Edison em 1900, após ter abandonado a Escola Militar, cansado das punições pelas fugas noturnas para fazer serenatas.

Aqui tudo acaba em samba... (19/3/1984) — quadro do programa *Viva o Gordo*, criação de *Max Nunes*, com ***Jô Soares, Luís Delfino e Eliezer Mota***; Rede Globo.

Rádio Pá Virada — vide página 11.

Ai!... Filomena (1914) — arranjo de *J. Carvalho Bulhões* sobre uma canção italiana, interpretação de ***Manuel Pedro dos Santos***, "Bahiano".

Sucesso no carnaval de 1915 inspirado na urucubaca *do azarento marechal Hermes da Fonseca, o* seu Dudu, *talvez o presidente mais satirizado da história do Brasil.*

Fala meu louro (1920) — samba de *J. B. da Silva*, "Sinhô", gravado originalmente por Francisco Alves; regravado por ***Mário Reis*** em 1951.

Registro da segunda derrota de Rui Barbosa em eleições presidenciais, quando o Águia de Haia *perdeu para o* Garnizé de Quitanda, *Epitácio Pessoa.* Fala meu louro *lançou Chico Alves no mundo do disco.*

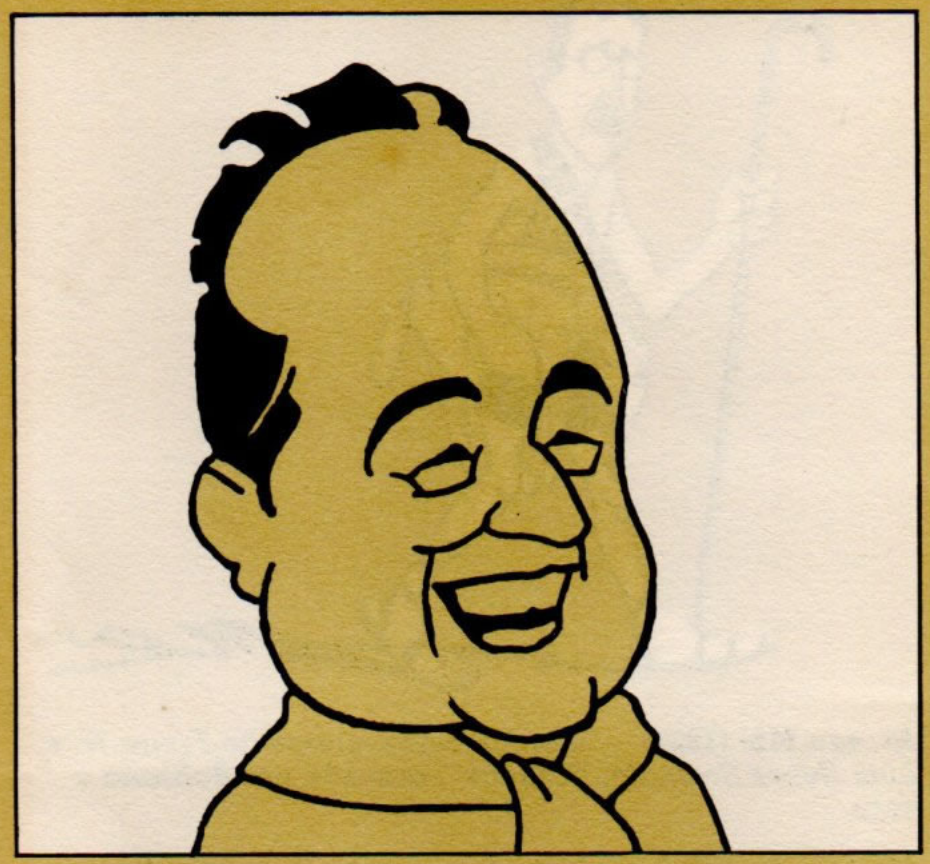
Ai, seu Mé! (1922) — marcha carnavalesca de *Freire Jr.* e *Luiz Nunes Sampaio*, "Careca", gravada por ***Bahiano*** e coro.

Mesmo escondido atrás do pseudônimo "Canalha das Ruas", Freire Jr. não escapou das grades. Seu crime: satirizar Artur Bernardes, presidente linha-dura e impopular, mas muito caricaturado em seu tempo.

Cornélio Pires e os "caipiras", na pena de Voltolino

Cavando votos (1929) — disco humorístico de **Cornélio Pires**.

No final dos anos 20, a gravadora Colúmbia colocou no mercado discos com as histórias que o jornalista Cornélio Pires contava sobre os caipiras. Somente entre 1929 e 1930 ele gravou mais de cem discos, preservando assim os costumes e as tradições dos matutos do interior de São Paulo.



Getúlio Vargas em 1930: o sorriso da vitória, segundo Belmonte

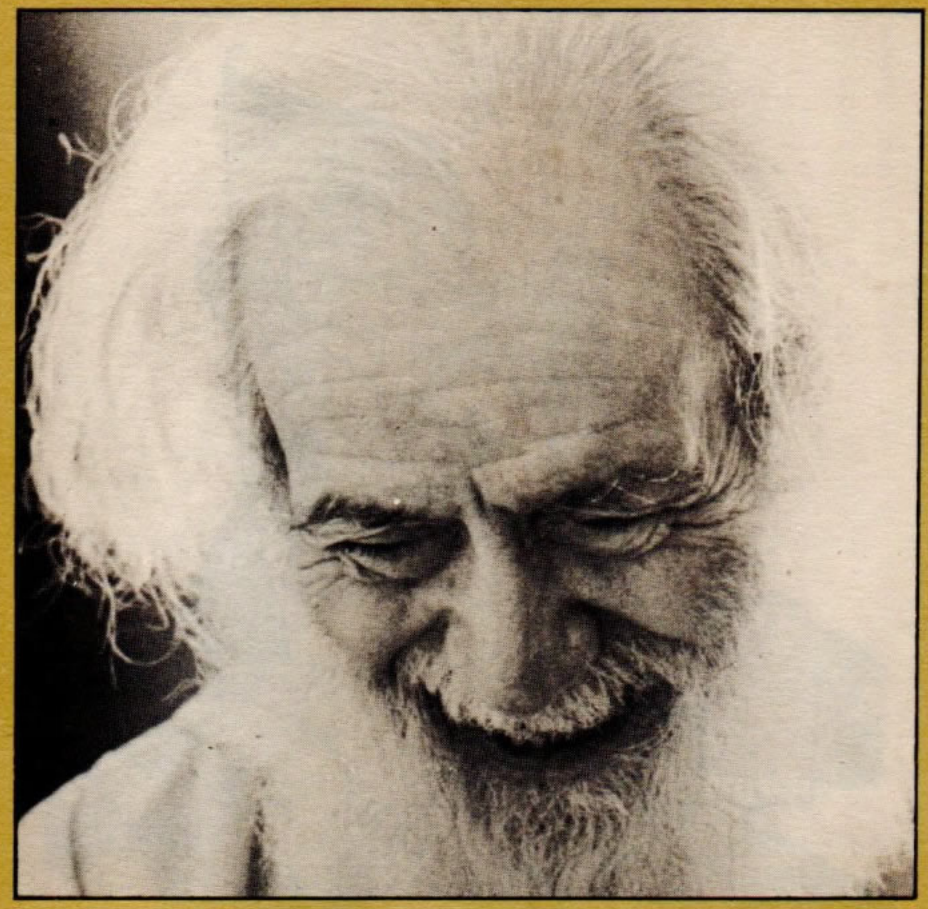
Seu Doutor (1929) — marcha de *Eduardo Souto*, gravada por ***Francisco Alves*** com a orquestra Pan American.

É sopa ("17 × 3") (1929) — marcha de *Eduardo Souto*, gravada por ***Francisco Alves*** com a Orquestra Pan American.

Itararé (1930) — embolada de *José Luiz Rodrigues Calazans*, "Jararaca", gravada por ***Jararaca*** com acompanhamento de Gaó, Jonas e Zezinho.

O Barbado... foi-se (1930) — marcha de *Lamartine Babo*, "G. Ladeira", "Dr. Boato", gravada por ***Henrique Foréis Domingues***, "Almirante", com a Orquestra Guanabara.

Hinos, discursos, marchinhas e discos humorísticos constituem o registro sonoro da última eleição da República Velha e da Revolução de 30.
Seu Doutor, *lançada em janeiro de 1929, satiriza a sucessão presidencial em que Washington Luís, paulista de Macaé, quebra as regras da política do café-com-leite, atropela os mineiros e lança outro paulista, Júlio Prestes, como candidato da situação. A disputa eleitoral aparece no final de 1929, como um jogo de futebol em* É sopa ("17 × 3"). *Mas a Revolução desencadeada a partir dos três estados minoritários — Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba — veio contrariar os prognósticos dessa marcha. O confronto armado teve seu registro em* Itararé, *embolada que descreve aquela grande frente de batalha... que não houve. Vitoriosa a Revolução,* O Barbado... foi-se *canta a valentia dos gaúchos e o exílio de Washington Luís. Os dois discos são de novembro de 1930.*



BARÃO DE ITARARÉ

"Anistia é um ato pelo qual o governo resolve perdoar generosamente as injustiças que ele mesmo cometeu." Esta é apenas uma das grandes tiradas daquele que foi um dos mais fecundos humoristas do nosso país: Aparício Torelly, Aporelly, mais tarde autodenominado Barão de Itararé.

Gaúcho de São Leopoldo, estudou medicina, mas a falta de dinheiro o levou para o Rio de Janeiro, onde trocou o bisturi pela máquina de escrever. Iniciou sua carreira de jornalista no *Globo* e, em 1926, fundou seu próprio "nanico", *A Manha* — órgão de ataques... de riso —, cuja máxima era: "Quem não chora, não mama". Aí começaram os problemas com a censura e com os donos do poder, que não toleravam seu estilo irreverente.

Itararé foi um ferrenho adversário dos integralistas e cerrou fileiras em torno da Aliança Nacional Libertadora. Por isso passou um ano e meio no cárcere, após a insurreição de novembro de 1935.

Com a redemocratização do país em 1945, o Barão de Itararé foi lançado candidato à presidência da República pelo Partido Humorístico Brasileiro, criado por Millôr Fernandes na seção "Pif-Paf", da revista *O Cruzeiro*. Candidatou-se também ao governo do Estado de... sítio, mas acabou sendo eleito vereador do Distrito Federal pelo PCB. Sua plataforma era: "Mais água e mais leite; mas, menos água no leite".

Patrono do *Pasquim*, avô de Stanislaw Ponte Preta e de toda uma geração de humoristas, o Barão — também marechal-almirante-brigadeiro do ar condicionado — morreu em 1971, aos 76 anos. Algumas de suas frases continuam tão atuais quanto no momento em que foram criadas: "Tempo é dinheiro; paguemos, portanto, as nossas dívidas com o tempo". Se estivesse vivo, talvez desse hoje esse mesmo conselho aos nossos governantes, em relação à dívida externa...

Washington Luís, o último presidente da República Velha, por Guevara

Non fui ista a inrevoluçó que io sugné (1931) — disco humorístico de ***Alexandre Ribeiro Marcondes Machado***, "Juó Bananére".*

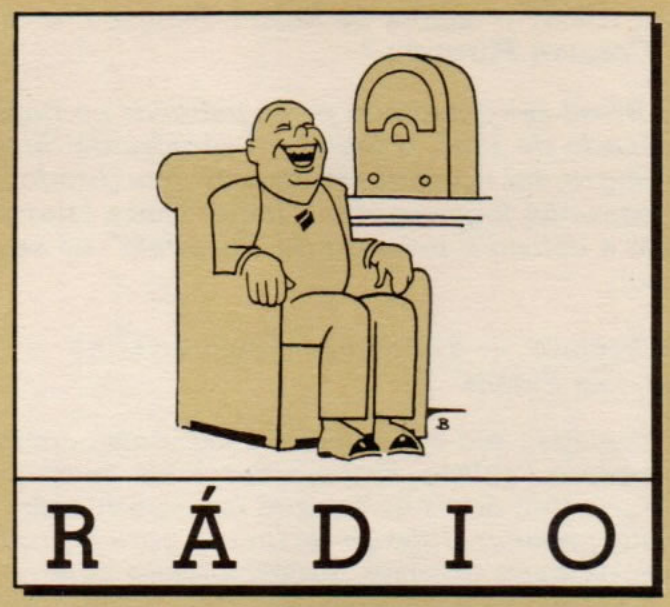
JUÓ BANANÉRE

Ele fez as delícias dos nossos avós e foi a dor de cabeça dos políticos do começo do século. Mas as gerações de hoje nada conhecem do humor refinado, em estilo macarrônico, com que Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, imitando os italianinhos de São Paulo, ironizava os costumes e os figurões da República Velha.

Nascido em Pindamonhangaba (SP) a 11 de abril de 1892, formou-se em engenharia pela Escola Politécnica. Paralelamente, iniciou sua carreira de jornalista, como revisor. Logo depois começou a escrever artigos para jornais humorísticos como *O Pirralho*, dirigido por Oswald de Andrade, e *O Queixoso*, colaborando também em *A Manha*, do Barão de Itararé.

Poeta, *barbieri i jiurnalista*, escreveu dois livros, *La Divina Increnca* e *Galabaro*, este em parceria com Moacyr Piza. Em 1933 lançou o jornal *Diário do Abax'o Piques*, "órgano ingapotado do fascismo intaliano i do Oglio di Moscô in Zan Paolo".

Em plena era getuliana, após a Revolução de 30, que, para ele, deixou tudo como estava antes, costumava dizer: "Que saudades eu tenho dos tempos do PRP!".



Implantado no Brasil desde 1923, o rádio só encontrou seu caminho a partir do início dos anos 30, quando a veiculação de publicidade foi regulamentada pelo governo. Até então, nosso rádio vivia às custas de uns poucos sócios que pagavam uma taxa mensal pelo direito de ouvir sua programação.

O que se transmitia nos anos 20 eram muitas palestras, conferências e até óperas: um rádio de elite. Na década de 30, porém, o veículo se expandiu, abrindo espaço na sua programação para os artistas populares e atingindo audiência cada vez maior. Mas, desde o começo, o rádio causou espanto. Muitos ouvintes não acreditavam que aquela caixinha de madeira tivesse mesmo voz...

PRK 30/Prefixo — orquestração, arranjo e regência de *Radamés Gnattali*.

Rádio Pá Virada (1930) — disco cômico de ***Jararaca***, acompanhado por Belizário Couto.*

Na Pá Virada *Jararaca faz o papel do homem do interior espantado com as novidades da tecnologia. A cena se passa num estúdio do início dos anos 30, época dos rádios de galena, com fones de ouvido, que o cantor chamava de "cabrestinhos".*

A minha "prantaforma" (1933) — embolada de ***Manezinho Araújo***, com acompanhamento de Luperce Miranda, Tute e Betinho.

Manezinho Araújo, pernambucano conhecido como "Rei das Emboladas", é o responsável pela expansão definitiva desse gênero musical, típico do norte e nordeste, levado para o Rio de Janeiro no começo da década de 20, pelos Turunas Pernambucanos.

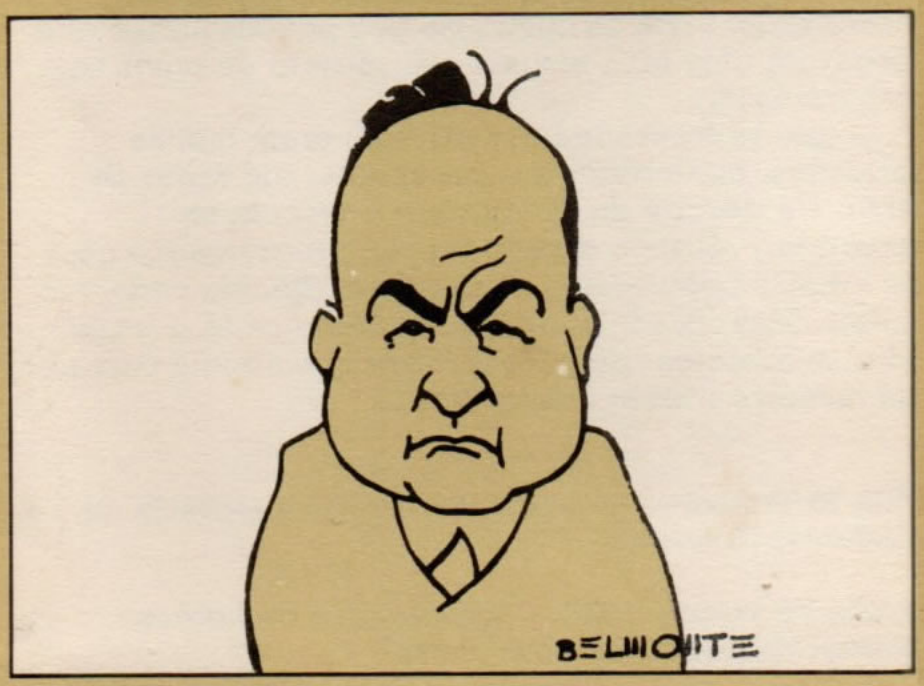
Deixa falar (1938) — samba de *Nelson Petersen*, com **Ari Barroso** e **Carmen Miranda**.*

Depois do Brasil ser derrotado pelos italianos no final da Copa do Mundo de 1938, o jogador Leônidas da Silva, o Diamante Negro, foi acusado de ter sido "comprado" por Mussolini para não jogar contra a Itália. Deixa falar *rebate essa calúnia e coloca o inventor da "bicicleta" no seu devido lugar.*

O Grande Prêmio — disco humorístico de **Gino Cortopassi**, "Zé Fidélis".*

Zé Fidélis começou sua carreira em 1930, como cantor, na Rádio Educadora Paulista. Embora descendente de italianos, o seu tipo no rádio sempre foi o português. Dono de um humor peculiar, logo se inclinaria para a produção de paródias. Gravou diversos discos cômicos com paródias e outros satirizando os esportes, como o turfe, o futebol e o boxe.

Disse-me-disse (19/8/1950) — paródia de *Nervos de aço*, samba-canção de *Lupicínio Rodrigues*, com **Armando Louzada**; Rádio Nacional.

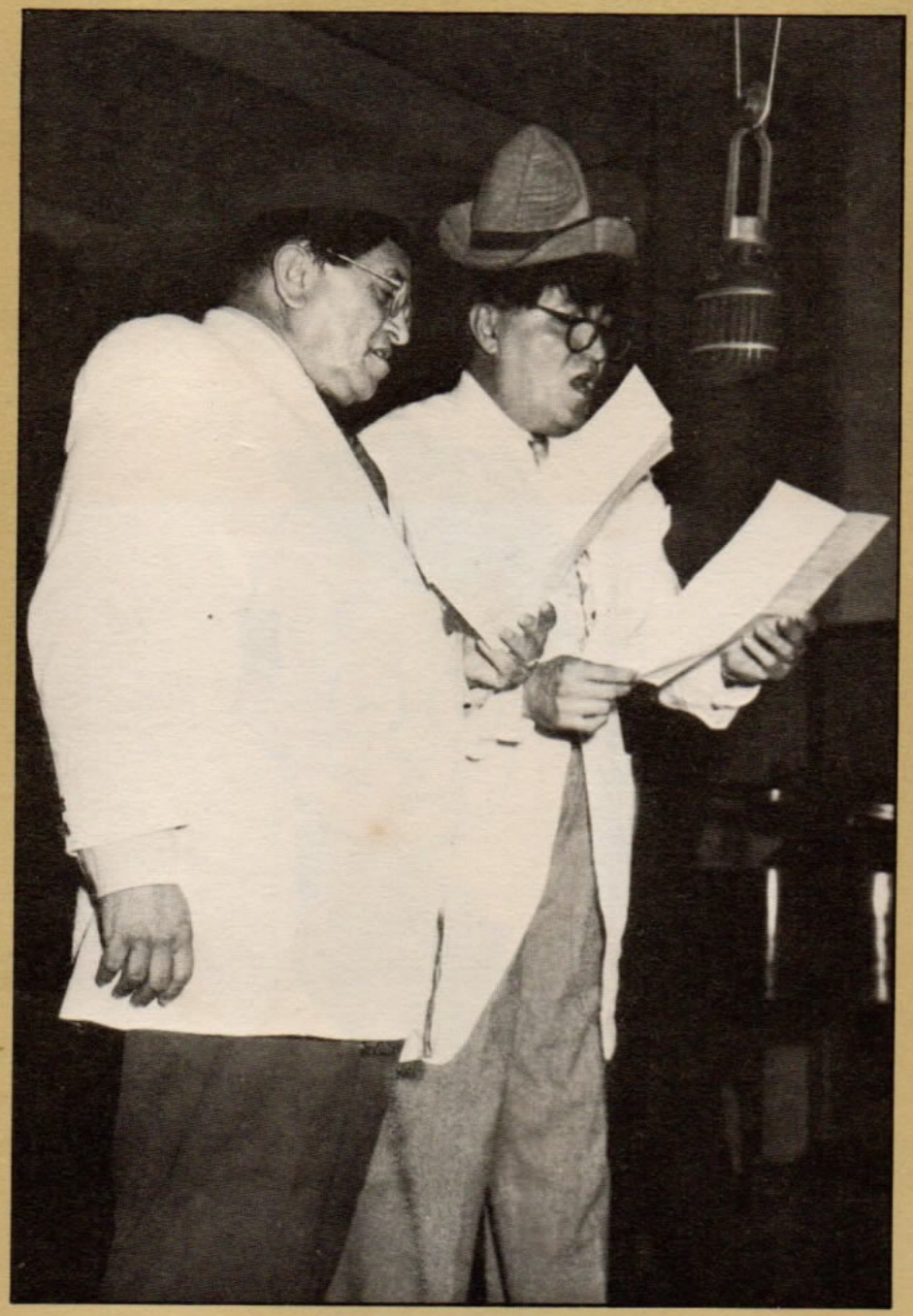


ESTADO NOVO

O Estado Novo foi um "estado de sítio a longo prazo": durou quase oito anos. Instaurado por Getúlio Vargas com o golpe de novembro de 1937, acabou com os partidos políticos e suprimiu a liberdade de imprensa. Enfim, foi uma ditadura com todas as letras, que trouxe problemas sérios também para o humor e a sátira. Em 1939, com a finalidade de melhor controlar a produção artística e intelectual — das cartilhas escolares aos sambas-enredo — foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda, o famoso DIP. Para se ter uma idéia do seu poder de fogo, só em 1940 foram proibidos 108 programas de rádio no Rio de Janeiro e vetadas 373 letras de música!

A buzina (entre 1939/45) — texto e locução de **Laurentino Saes**, "Lauro Borges"; reconstituição para o programa *PRK 30*; Rádio Nacional, 1947.

Jornal humorístico, satirizava os correspondentes estrangeiros e os sistemas de comunicação da Segunda Guerra, em que uma informação vinda da Europa deveria passar primeiro pelas agências noticiosas dos países aliados.



Jararaca e Ratinho

A muié e a guerra (1942) — disco humorístico de ***Jararaca*** e ***Severino Rangel de Carvalho***, "Ratinho", com acompanhamento de Dante Santoro e seu Regional.*

Dupla formada em 1927, Jararaca e Ratinho levam para o rádio dos anos 30 e 40 o humor fora dos padrões da época, explorando o trocadilho, a surpresa, a imitação, o jogo de palavras e a adivinhação.

A cara do führer (1943) — marcha de *F. Correia da Silva, Benedito Lacerda* e *Oliver Wallace*, interpretada por ***Isaurinha Garcia***.

Abaixo o chopp (1943) — marcha de *Murilo Alvarenga* e *Sebastião Bernardes de Sousa Prata*, "Grande Otelo", interpretada por ***Alvarenga*** e ***Diésis dos Anjos Gaia***, "Ranchinho".

Galinha verde (1943) — marcha de *José Gonçalves*, "Zé da Zilda", e *André Gargalhada*, interpretada por **Marilu**.

Depois da Revolução de 30, somente um outro fato histórico — a Segunda Guerra — foi capaz de motivar tanto nossos humoristas e compositores. A cara do führer e Abaixo o chopp, *duas marchinhas de sucesso em 1943, são uma amostra do que foi o primeiro carnaval do Brasil em guerra. Já* Galinha verde *trouxe, nesse mesmo ano, a crítica ao fascismo para dentro do território brasileiro: referia-se aos integralistas como quinta-colunas, ou seja, espiões a favor do Eixo.*

Juca Pato, criação de Belmonte, também vestiu farda em 1942

Lauro Borges e Castro Barbosa

PRK 30/Abertura (entre 1945/47) — texto de *Lauro Borges*, interpretado por ***Joaquim Silvério de Castro Barbosa***, "Megatério Nababo de Alicerce"; Rádio Nacional.

PRK 30/Ministério japonês (entre 1945-47) — texto de *Lauro Borges*, interpretação de ***Lauro Borges,*** "Othelo Trigueiro" e ***Castro Barbosa***; Rádio Nacional.

A PRK 30 *satirizava o próprio rádio e funcionava como se fosse uma estação "pirata". Sua marca registrada eram os trocadilhos e as brincadeiras com a gramática e a semântica, nas várias vozes do* speaker *"Othelo Trigueiro" e de "Megatério Nababo de Alicerce", o locutor português. Tendo alcançado imenso sucesso na Rádio Nacional a partir de meados dos anos 40, a* PRK 30 *nasceu, no entanto, como* PRK 20 *em 1938, na Rádio Clube do Brasil, produzida por Renato Murce, com a colaboração de Lauro Borges, Castro Barbosa, Jorge Murad e Del Mundo.*

Alvarenga e Ranchinho (8/7/1947 e 18/3/1947) — paródias de *Pirata da perna de pau*, marcha de *João de Barro*, "Braguinha", e *Alberto Ribeiro*; Rádio Nacional.

A mulher e a política (1949) — texto de *Alvarenga, Ranchinho* e *Ariovaldo Pires*, "Capitão Furtado", interpretação de ***Alvarenga*** e ***Ranchinho***. *

Os assuntos preferidos por Alvarenga e Ranchinho, juntos desde 1929, sempre foram ligados à política. Por isso, a dupla teve muitos problemas com a censura, viesse ela do DIP, no Estado Novo, ou dos governos "democráticos" posteriores. Suas criações eram paródias musicais saídas do cotidiano político, como a sátira a Luis Carlos Prestes, veiculada pelo rádio num período de caça às bruxas e intensa campanha anticomunista.

Hotel da Pimpinela (16/1/1947) — texto e interpretação de ***Silvino Netto***; Rádio Nacional.

Pelo Hotel *passaram quase todos os personagens criados e interpretados por Silvino Netto. Cantor de sucesso em São Paulo, foi tentar a sorte na Nacional, do Rio de Janeiro. Barrado por Oduvaldo Cozzi, acabou sendo contratado como humorista.*

Balança-mas-não-cai/Prefixo (1950) — locução de ***Afrânio Rodrigues***; Rádio Nacional.

Balança-mas-não-cai/Avenca de Souza (6/10/1950, programa de estréia) — texto de *Max Nunes*, interpretação de ***Osvaldo Elias*** e ***Henriqueta Brieba***; Rádio Nacional.

Balança-mas-não-cai/Primo rico e primo pobre (20/11/1953) — texto de *Paulo Gracindo*, interpretação de ***Paulo Gracindo*** e ***Brandão Filho***; Rádio Nacional.

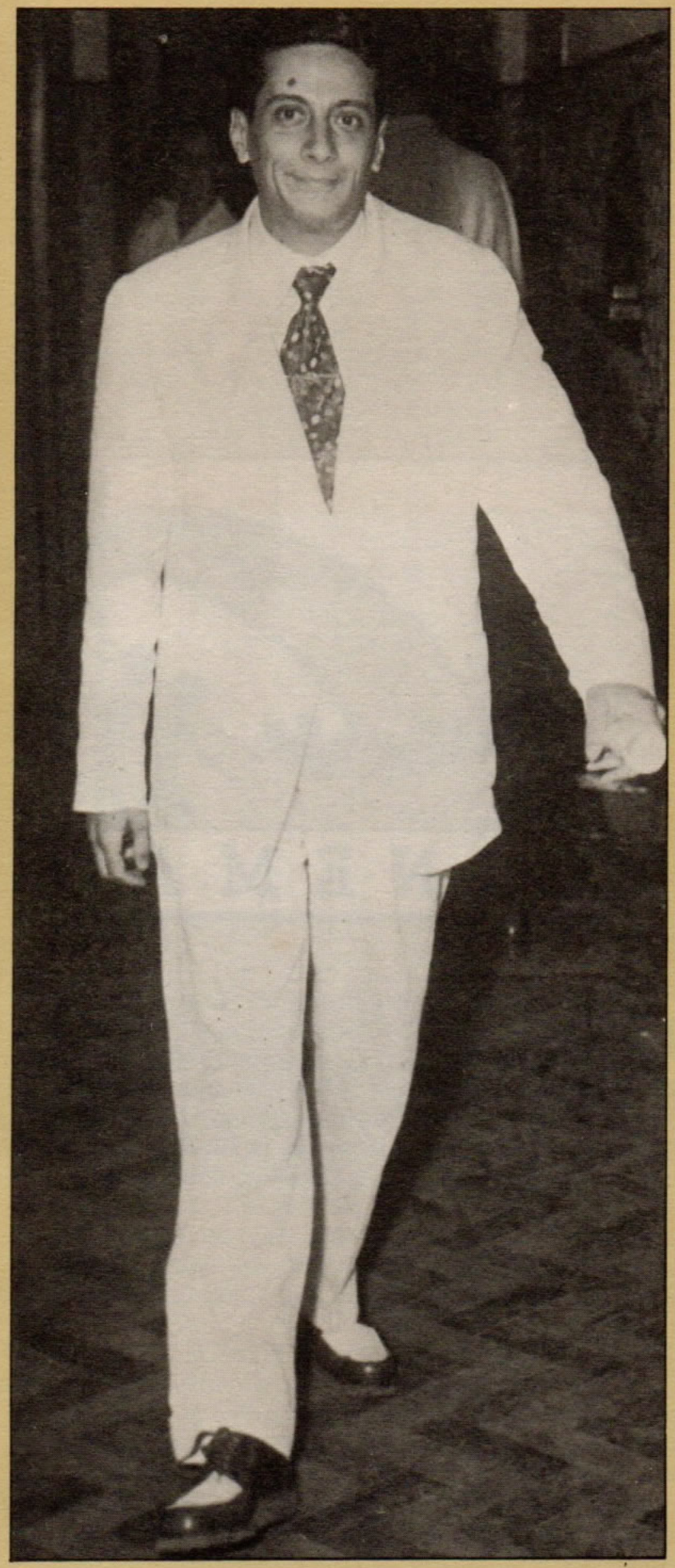
O Balança *foi o primeiro programa de humor a utilizar quadros isolados, sem nenhuma interligação. O único elo entre eles era o próprio edifício onde se desenrolavam as cenas. Apresentava um humor de características bem cariocas, mas acabou se impondo em quase todos os grandes centros radiofônicos do país.*

Paulo Gracindo e Brandão Filho: o Primo Rico e o Primo Pobre

Ninguém rasga (entre 1950/51) — criação de *Max Nunes* e *Mario Brasini*, interpretação de ***Altivo Diniz*** e ***Wellington Botelho***; Rádio Nacional.*

Jornal humorístico com sonoplastia de jornal impresso, o Ninguém rasga *foi criado por Max Nunes na Rádio Tupi do Rio de Janeiro, por volta de 1946, e levado para a Nacional dois anos mais tarde.*

Marcha em Paris (1957) — composição de *Klecius Caldas* e *Armando Cavalcanti* para a trilha do filme *Garotas e samba*, produção da Atlântida Cinematográfica; orquestra sob a regência de ***Alexandre Gnattali***.



Para o médico Max Nunes, rir é o melhor remédio...

outro lado

Desde seu início no Brasil, o cinema anda de mãos dadas com o humor e a sátira. Um dos primeiros filmes rodados aqui, *Nhô Anastácio chegou de viagem* (1908), é uma comédia. Vários outros vieram: *Pega na chaleira* (1909), crítica aos bajuladores dos figurões da política, e *Paz e amor* (1910), que satirizou Nilo Peçanha e os candidatos à presidência da República, Hermes da Fonseca e Rui Barbosa. Nosso primeiro filme sonoro também é uma comédia: *Acabaram-se os otários* (1929), de Lulu de Barros, com o cômico Genésio Arruda.

Mas é no final da década de 40 e início dos anos 50, com as chanchadas, principalmente da Atlântida, que a união do cinema com o humor se dará de forma definitiva. Oscarito, Grande Otelo, Eliana Macedo, Anselmo Duarte, Cyll Farney, Fada Santoro, Wilson Grey, José Lewgoy, Zezé Macedo, Zé Trindade, Adelaide Chiozzo, Violeta Ferraz, Dercy Gonçalves e Costinha, dirigidos por José Carlos Burle, Watson Macedo e Carlos Manga, levam

milhares de pessoas para os cinemas.

Os personagens principais são pessoas comuns. Os temas são, em geral, o carnaval, a paródia de filmes estrangeiros, a política e a sociedade, tudo visto com muito humor. Críticas aos políticos, aos serviços públicos, reclamos contra a inflação e a carestia, feitos de modo nada sisudo.

O público prestigiou as chanchadas, mas a crítica especializada não foi nada favorável. Entre seguir os conselhos da crítica e morrer de rir com *Não adianta chorar*, *Tristezas não pagam dívidas*, *Aviso aos navegantes*, *Barnabé, tu és meu*, *Nem Sansão nem Dalila*, *Matar ou correr*, *O petróleo é nosso*, *Colégio de brotos* ou *O homem do Sputinik*, o povo ficou com a última opção.

Não tem tradução (1950) — samba de *Noel Rosa*, interpretado por ***Araci de Almeida***.

Nem Sansão nem Dalila (1954) — diálogo do filme, entre **Oscarito** e ***Wilson Grey***, produção da Atlântida Cinematográfica.

Considerado um dos filmes mais brilhantes e divertidos do cinema político brasileiro, traz Oscarito como um barbeiro que vai parar em Gaza e, com a peruca de Sansão, transforma-se num governador populista com poderes ditatoriais, bem ao estilo de Getúlio Vargas.

***Wilson Grey numa cena de* Nem Sansão, nem Dalila**

Se o negócio é sofrer (1957) — de *Mário Lago* e *Chocolate*; orquestra sob a regência de ***Alexandre Gnattali***.

Recruta biruta (1950) — **música do filme *Aviso aos navegantes*, (Atlântida Cinematográfica), composta por *Antonio Almeida, Antonio Nássara* e *Alberto Ribeiro*, interpretada por *Eliana Macedo* e *Adelaide Chiozzo*.**

Primeiro dia de exército — esquete humorístico, com ***Ronald Golias*** e ***Carlos Alberto de Nóbrega***.*

RONALD GOLIAS

Ele já foi Bronco Dinossauro, tinha um "latifúndio" de sete por quatro no Mato Grosso, onde as vacas dormiam em beliche e os porcos no porão. Era o cunhado de Pepino Trapo (Otelo Zeloni), em cuja casa morava de favor e com quem vivia brigando. Às vezes transformava-se no Professor Bartolomeu Guimarães, um cientista há anos perseguindo a fórmula do jabá sintético. Mas na verdade ele se chama Ronald Golias, paulista de São Carlos, alfaiate, funileiro, bancário e aqualouco, que levou muitos anos até descobrir sua verdadeira vocação: o humorismo. Começou num programa de calouros da Rádio Cultura no início da década de 50; logo depois passou para a Nacional, onde conheceu Manoel da Nóbrega, de quem se tornou grande amigo, parceiro e colaborador. Em 1956 foi para a televisão e durante quase vinte anos fez muito sucesso com um estilo de humor bonachão, desajeitado e matreiro, trabalhando com caretas, numa linguagem simples e direta, sem duplo sentido.

Nasal sensual (1960) — letra e música de ***Juca Chaves***.

Mudança de destino (1960) — samba de ***Juca Chaves***.

Lembretes, Legalidade e A situação (1961/62)

Dona Maria Teresa, A situação e Legalidade (1961/62) — letras e músicas de ***Juca Chaves***.*

JUCA CHAVES

Ele é o Menestrel Maldito, que fala mal do rei enquanto o povo se diverte. Ele não tem medo de nada, simplesmente porque é amigo do rei. Ele é Jurandir Chaves, também conhecido como Juca — o baixinho notável, ou o narigudo mais bonito do Brasil. Aliás, como ele próprio costuma afirmar, maior que o nariz, só mesmo seu talento.

Carioca, foi educado — mal — e civilizado em São Paulo, onde, ao contrário de outras crianças, nunca foi precoce nem cantava para as visitas. Foi crescendo — assim como seu nariz — e, cansado de fazer serenatas para namoradas que no final sempre o abandonavam, começou a compor e a gravar discos. Algumas de suas músicas são românticas, outras, extremamente mordazes. Ele não poupa presidentes da República, governadores nem gente do primeiro escalão. JK, João Goulart e Carlos Lacerda foram alvos de sua sátira impiedosa.

Auto-intitulado "primeiro *hippie* do país", lançou vários discos de sucesso, fundou o Gran Circo Sdruws, brigou com Ibrahim Sued, criou muitos problemas para a censura e tornou-se ídolo de um imenso público que, diferentemente de suas amantes, sempre lhe foi fiel.

TELEVISÃO

A televisão, inaugurada no Brasil em 1950, terá sua expansão nos anos 60, desbancando o rádio, até então o veículo de maior penetração. Se no início era apenas adaptação "televisiva" do rádio, com o tempo foi descobrindo uma linguagem própria, que o vídeo-teipe — usado, aliás, pela primeira vez em 1960, por Chico Anísio, no programa *Noites cariocas* — ajudou a consolidar.

Mas é no rádio que a TV vai buscar seus primeiros programas de humor, seja pela via da adaptação, seja pela utilização de alguns personagens, recriados no novo veículo por mestres do humor radiofônico, como Max Nunes e Haroldo Barbosa. *Boate do Ali Babá*, *Uma pulga na camisola*, *Trem da alegria*, *O riso é o limite*, *Tele Rio*, *Times Square*, *Praça da alegria* e *Família Trapo* são alguns sucessos da televisão dos anos 50 e 60. Era o auge da Record, Excelsior e Tupi, entre outras.

Na década de 70, a Rede Globo assume a liderança. Seus programas, como *Faça humor, não faça guerra*, *Chico Anísio Show*, *Chico Total* e *Satiricon*, são os mais assistidos. Mas eram tempos de censura, e a sátira se retrai. Naquela época, Max Nunes afirmaria: "O humor não está morrendo, o que falta é liberdade". *Planeta dos homens*, porém, traz a sátira de volta à TV, com personagens que brincam com a política, numa linguagem muito mais descontraída, informal e direta.

Mario Tupinambá é o Deputado Baiano

Peço a palavra (1959) — marcha de *Max Nunes* e *J. Maia*, interpretada por ***Mario Tupinambá***.

Deputado Baiano — esquete por ***Mario Tupinambá***, reconstituição especial para esta *Antologia*.

Praça da alegria (década de 60) — quadro do programa, com ***Manoel da Nóbrega*** e ***Kleiton Silva***; TV Record, São Paulo.

Família Trapo (década de 60) — trecho do programa, com ***Otelo Zeloni***, ***Jô Soares*** e ***Ronald Golias***; TV Record, São Paulo.

Desde 1956 e durante os 14 anos que permaneceu no ar, deu muito ibope. Quem assistisse à Praça da alegria *acabava descobrindo que conhecia alguém parecido com um dos personagens criados por Manoel da Nóbrega. Já a* Família Trapo *representava o cotidiano da classe média na base do humor "pastelão". O programa foi um dos melhores momentos da televisão de São Paulo na década de 60.*

Geléia geral (1968) — de *Gilberto Gil* e *Torquato Neto*, com ***Gilberto Gil***.

História das malocas — texto de *Osvaldo Molles*, interpretação de ***Adoniran Barbosa***, "Charutinho", e ***Maria Teresa***, "Terezoca"; Rádio Record, São Paulo.

O tema central deste programa era a miséria dos favelados de São Paulo. História das malocas *explorava a veia poética de Osvaldo Molles, misturando, com ligeiros toques de humor, poesia, crítica social e reflexão.*

Samba do crioulo doido (1968) — de *Sérgio Porto*, "Stanislaw Ponte Preta", com o **Quarteto em Cy**.

Crioulo doido, *única música de Sérgio Porto, conta a trajetória de um crioulo que passou anos fazendo sambas-enredo com temas e figuras da história do Brasil. Quando lhe pediram um novo enredo, desta vez analisando a conjuntura política, acabou misturando tudo... e endoidou de vez. Sérgio Porto deixou um dos mais saborosos repertórios de "mancadas" do regime de 64 nos livros* Festival de besteiras que assola o país e Garoto linha dura, *entre outros.*

Coqueiro verde (1969) — de *Roberto* e *Erasmo Carlos*, com o *Trio Mocotó*.

Piadas do Pasquim — por ***José Vasconcellos*** e **Ziraldo**.

Babalina — rock de *Ubaldo Calvo*, interpretado por **Zé *Fidélis***.

PASQUIM
RECOMENDÁVEL PARA MAIORES DE 14 ANOS
N.º 118 - Rio, de 5 a 11/10/71 - Cr$ 1,00 - Passarinho que come pedra sabe o que advém.
ENTREVISTA COM
SÉRGIO PÔRTO
PSICOGRAFADA POR
SÉRGIO CABRAL

O P A S Q U I M

Dezembro de 1968: AI 5, fechamento, censura. Junho de 1969: O *Pasquim*, irreverência, crítica, renovação. Enfim, uma brincadeira num tempo triste, que pegou justamente por isso: ao invés de entrar em choque com o Sistema, nos tempos de sufoco, optou pela pura e simples molecagem.

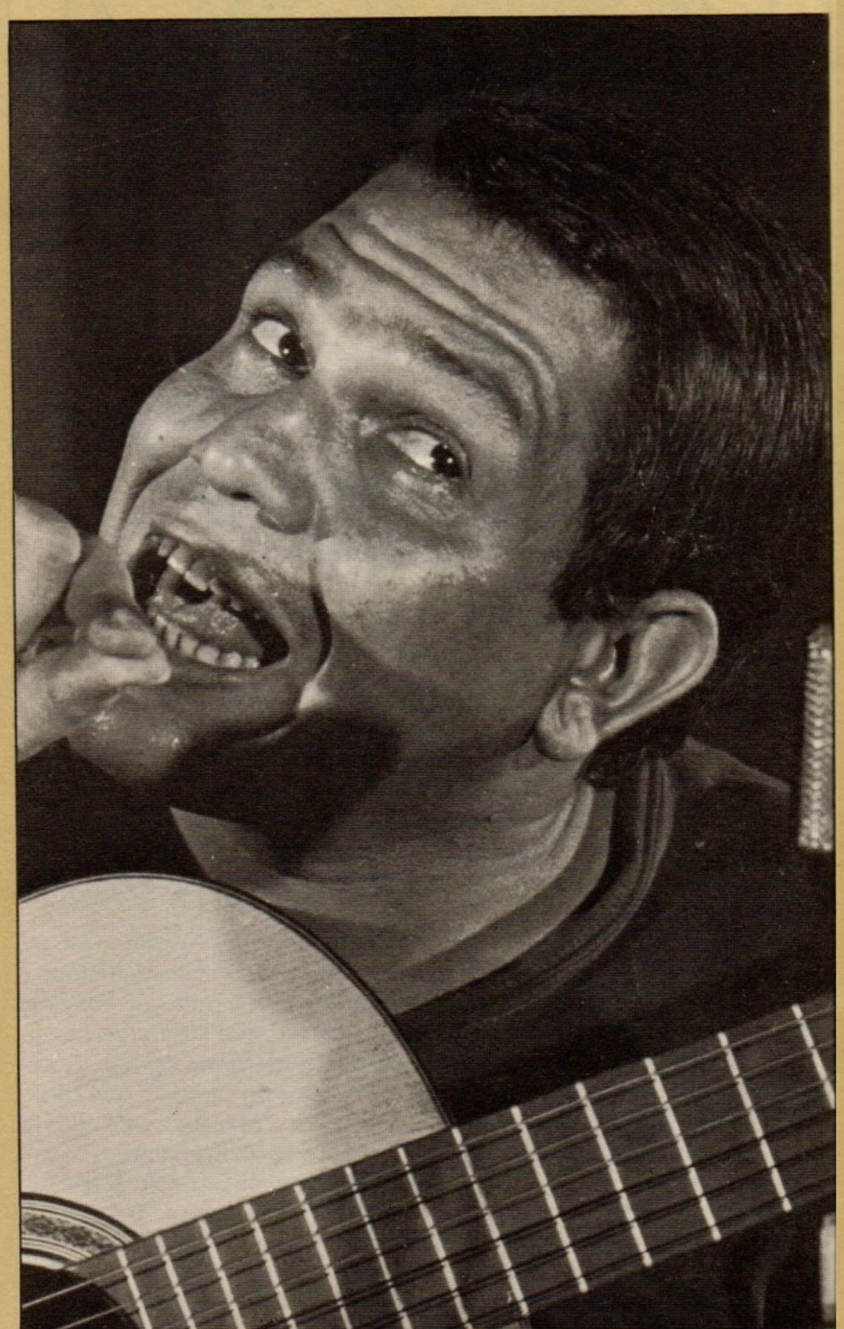
Escrito por Millôr Fernandes, Fortuna, Ziraldo, Newton Carlos, Paulo Francis, Sérgio Cabral , Henfil, Jaguar, Tarso de Castro e Ivan Lessa, entre outros, e tendo Leila Diniz como musa, o *Pasquim* adotou desde o início uma linguagem coloquial que agradava aos jovens, contrapondo-se à imprensa bem-comportada da época. A começar pelo nome: os pasquins eram jornalecos do passado que desacatavam as autoridades e cujos editores viviam às voltas com a polícia. O jornal vendeu cinco mil exemplares no primeiro número, e sua tiragem chegou a 195 mil. Mas aí a censura começou a apertar. Em novembro de 1970 uma epidemia de "gripe" varreu a redação, e vários de seus editores foram passar dois meses de "resguardo" na Vila Militar do Rio de Janeiro.

Resistindo bravamente durante os anos mais difíceis do regime militar, o *Pasquim* é um dos poucos sobreviventes da chamada imprensa nanica surgida nos anos 70.

Café society — samba de *Miguel Gustavo*, com *Jorge Veiga*.

Ibrahim no céu — anedota contada por ***Ari Toledo***.

Cantor da Rádio Clube de Ourinhos (SP), em 1960 integra o Teatro de Arena em Revolução na América do Sul, *de Augusto Boal. Cruza com Vinícius de Morais e Carlos Lyra, em 1963, e é convidado para representar o comedor de giletes, na peça* Pobre menina rica. *Canta no* Fino da bossa, *fazendo sucesso com* Pau-de-arara. *Ari Toledo só aceita a sátira política "quando ela é usada para a desmoralização e não para a badalação".*



Ari Toledo: problemas com a censura nos anos de arrocho

O que é isso, companheiro (1982) — moda de viola de *Carlos A. Mastrodomênico*, "Guca", e *João Lucas*, pelo grupo ***Língua de Trapo***.

O caminho musical do Língua *é o humor, com sátira a tudo e a todos: direita, esquerda, poder, oposição. Usa a discoteque para mostrar a aculturação do índio e música caipira para lembrar momentos da guerrilha urbana...*

Dr. Sardinha (23/4/1979) — quadro do programa *Planeta dos homens*, criação de ***Max Nunes***, com ***Jô Soares*** e **Otavio Cesar**; Rede Globo.

JÔ SOARES

Jô Soares é um dos poucos humoristas que não passou pelo rádio. Foi direto da piscina do Copacabana Palace para a TV Rio, descoberto por Silveira Sampaio, em 1958, quando contava anedotas para alguns amigos. Dois anos depois, Jô passa para a TV Excelsior, de São Paulo, onde escreve o *Simonetti Show* e, em seguida, o *Cine Jô*, criando dublagens cômicas para filmes de sucesso. É contratado pela TV Record e trabalha em diversos programas: *Revue chic*, *Hi-fi 7* e *Show a dois*, até ganhar seu próprio programa, *Jô Show*. Faz ainda *Praça da alegria*, escreve e participa da *Família Trapo*.

Em 1972 Jô Soares volta para o Rio de Janeiro e, na TV Globo, inicia uma série de programas: *Faça humor, não faça guerra*, *Satiricon* e *Planeta dos homens*. Neste último, Jô retoma a sátira política sufocada pela censura dos governos militares. Criados pela equipe de Max Nunes, surgem Dr. Sardinha, satirizando Delfim Netto, e o Reizinho, além de muitos bordões que caem logo na boca do povo: "Não me comprometas", "Q'rias, mas não te dou", "O meu negócio é números" e "Eu quero aplaudir".

Em *Viva o Gordo*, Jô interpreta tipos como Sebá, o último exilado, o Deputado Índio, que primeiro irritou mas depois popularizou o cacique Juruna, além da Hiena, Zé da Galera, Alice no País das Maravilhas e muitos outros. Mais recentemente, com o fim da censura política, seus personagens assumem contornos cada vez mais contundentes, desempenhando com ousadia o papel de críticos políticos e sociais. Há de tudo, desde um exportador de "corruptos", até um militar desesperado para deixar o país, assustado com os ares da Nova República.

Samba da previsão — de *Vevé Calazans* e *Dito*, com ***Lucinha Lins***.

Marcha partido — de *Tom Zé*, com ***Elza Maria***.

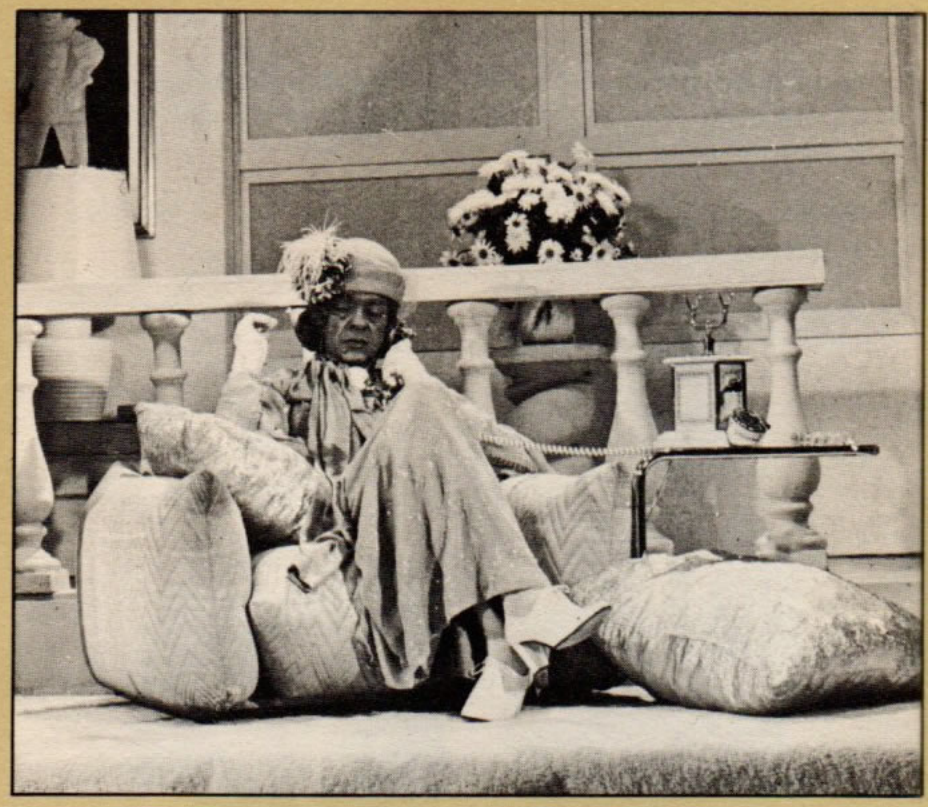
Tom Zé chegou à Paulicéia com o tropicalismo, quando os baianos pintavam e bordavam, rompendo conceitos musicais e estéticos. Tempos agitados aqueles, em que, segundo o compositor, "a fome pública encontrou alimento na música, da qual éramos o veículo". De lá para cá, passou a desenvolver um trabalho mais individual, sem contudo abandonar a veia crítica e ferinamente satírica que sempre o caracterizou.

Arrombou o cofre (1983) — de *Roberto de Carvalho* e *Rita Lee*, com ***Rita Lee***.

Rita Lee, a ex-Mutante tropicalista que se transformou na maior roqueira do país, nunca teve medo de nada. Falava mal de políticos e, no seu disco Bom-bom, *de 1983, foi ainda mais longe, mandando chumbo grosso na própria censora: "Na linha dura, basta a Solange da censura", diz uma das faixas, que teve, aliás, sua execução pública proibida...*

Jornal do Lobo (1984) — quadro do programa *Chico Anísio Show*, criação de *Ghiaroni, Nani, Mario Tupinambá, Marcos César*, entre outros, com **Chico Anísio**.

Salomé (1982/84) — quadro do programa *Chico Anísio Show*, criação de *Marcos César*, com **Chico Anísio**.*



CHICO ANÍSIO

Chico Anísio dispensa apresentação. Quem não conhece pelo menos um dos mais de cem personagens representados por este cearense de 54 anos e 37 de carreira de humorista?

Pois desde o Professor Raimundo, que lhe abriu as portas do rádio e da TV, Chico não parou mais: vieram Pantaleão, Roberval Taylor, Setembrino, Alberto Roberto, Bozó, Painho, todos, segundo o próprio humorista, tirados da vida real e exercendo a função de alertar o público sobre os problemas sociais. Como ele mesmo diz: "Não tenho a obrigação de resolver nada, mas tenho o dever de mostrar tudo".

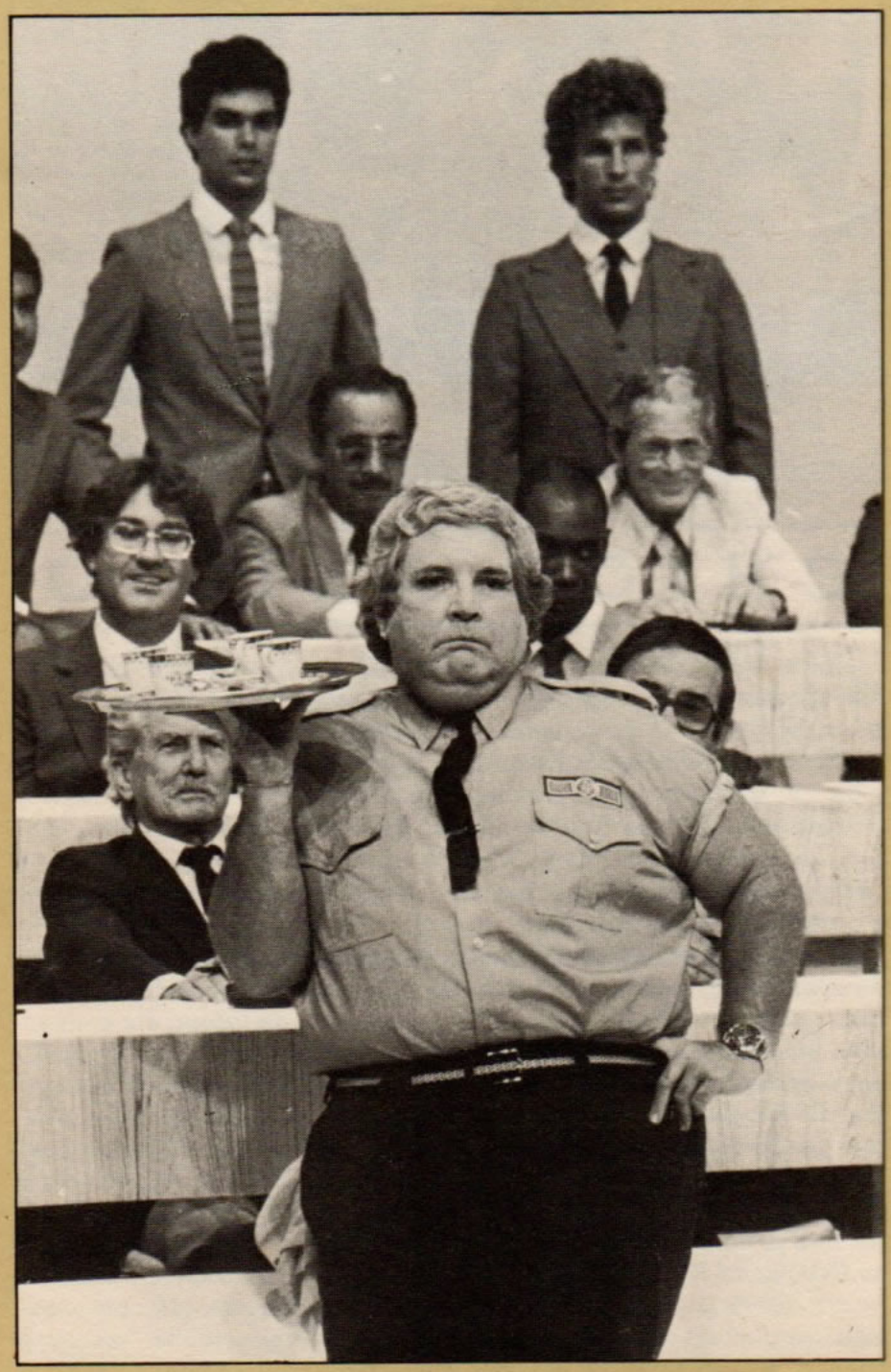
Talvez por mostrar muitas coisas que os telespectadores gostariam de falar e ouvir, seu personagem Salomé foi um dos tipos de maior sucesso. Com uma linguagem direta e carregada de ironia, ela conversava toda semana, por telefone, com o então presidente da República, o general Figueiredo. Dando muitos conselhos e "puxando a orelha" do Presidente por alguns desmandos do seu governo, Salomé falava tantas verdades que costumava receber centenas de cartas com pedidos e reclamações dirigidos a Figueiredo. E Chico sempre dava o recado. Certa vez foi a Brasília transfigurado em Salomé, para fazer rir uma platéia composta de ministros e do próprio chefe de Estado, no Palácio da Alvorada. Sem censura, não se fez de rogado e brincou com todos os presentes. E, se Figueiredo ficou aborrecido com algumas das piadas, como ele mesmo chegou a afirmar, soube "manter a cabeça" e mostrar-se um anfitrião bem-humorado; no final do espetáculo subiu ao palco e abraçou Salomé.

Aluga-se (1980) — de *Raul Seixas* e *Claudio Roberto*, com ***Raul Seixas***.

Defensor da paz e do entendimento entre os homens, Raul dos Santos Seixas, baiano que sonhava ser presidente da República, faz do rock sua razão de viver. Formado em filosofia, suas músicas quase sempre mesclam metafísica com política.

Revanchismo não! (13/5/1985) — quadro do programa *Viva o Gordo*, criação de ***Max Nunes***, com ***Jô Soares*** e ***Francisco Milani***; Rede Globo.

Muda Brasil (13/5/1985) — do programa *Viva o Gordo*; Rede Globo.



Jô Soares no Congresso: "Aqui tudo acaba em samba..."

AGRADECIMENTOS

Aldo de Aguiar/Estúdio Eldorado
Ana Maria Bahiana e José Monte Verde/Museu da Imagem e do Som, RJ
Caito Gomide (*in memoriam*)
Carlos Alberto de Nóbrega
Chico Anísio
Edwaldo Pacote, Luiz Lara, Woile Guimarães e Raquel Brandão/Rede Globo, RJ
Flávio Deckes
Geraldo Leite
Hilton Marques
Jesus Martins
Jô Soares
José Vasconcellos
Marino Maradei
Max Nunes
Neuza Maria B. da Silva e Paulo Cesar Moraes/Agência Globo, RJ
Olhar Eletrônico
Raul Duarte e Guilherme Lefévre/TV Record, SP
Ronaldo Gomes
Sirlene Reis

ARQUIVOS CONSULTADOS

Agência Globo, RJ
Banco de Dados da *Folha de S. Paulo*
Belmiro Macário, SP
Biblioteca Nacional, RJ
Centro de Documentação da Rede Globo, RJ
Jairo Severiano, RJ
José Ramos Tinhorão, SP
M. A. Azevedo (Nirez), CE
Maurício Quadrio, RJ
Memória do Rádio Brasileiro, SP
Miécio Caffé, SP
Mílton Parron, SP
Museu da Imagem e do Som, RJ
Rádio Jornal do Brasil, RJ
Rádio Nacional, RJ
TV Record, SP

Alguns trechos desta antologia apresentam *chiados* que não constituem defeito, mas sim o estado em que os fonogramas sobreviveram ao longo do tempo.

Para produzir uma antologia que registrasse 75 anos de sátira em apenas uma hora, foi necessário editar e montar alguns fonogramas, reduzindo o tempo original mas preservando seu conteúdo. Tais fonogramas aparecem indicados com um asterisco (*) no final de sua identificação.

TODOS OS DIREITOS DO MATERIAL FONOGRÁFICO DESTA ANTOLOGIA SÃO RESERVADOS.

PROIBIDA A REPRODUÇÃO, A EXECUÇÃO PÚBLICA E A RADIOTELEDIFUSÃO DESTA FITA.

Antologia da Sátira Brasileira

Brinde cultural da
Divisão de Produtos Áudio & Vídeo
da BASF Brasileira

Edição
Departamento de Comunicação Social do Grupo BASF
BASF Brasileira
Glasurit do Brasil
BASF Química da Bahia
Isopor

Supervisão geral
Ricardo Botelho

Projeto, criação e produção
Iconographia Pesquisa de Texto Imagem e Som S/C Ltda.

Pesquisa, roteiro, redação e edição final
Marcia Camargos
Paulo Cesar de Azevedo
Valvênio Martins
Vladimir Sacchetta

Consultoria fonográfica
Maurício Quadrio

Texto de locução
Mario Tupinambá

Interpretação
Chico Anísio

Edição fonográfica
Zallo Comucci

Filtragem e equalização
Gatão/Estúdio Eldorado

Sonoplastia e mixagem
João Batista de Andrade/Estúdio Eldorado

Projeto gráfico e Arte
Eva Paraguassú de Arruda Câmara
José Ramos Néto

Fotos e ilustrações
Iconographia, Rede Globo e Biblioteca Nacional

Reproduções fotográficas
Agetrês Fotógrafos Associados S/C Ltda.

Revisão
Virginia Aoki

Composição
Aura Estúdio, Editora e Livraria Ltda.

Fotolito
Linoart Fotocomposição Ltda.

Impressão e acabamento
Excelsior S.A.

BASF Brasileira S.A. Indústrias Químicas
Av. São Luís, 86 - São Paulo

Programa Cultural BASF

Participar da vida de uma comunidade é também contribuir para a difusão e valorização de suas manifestações culturais. Com esse objetivo o Grupo BASF vem prestando, desde 1970, seu apoio de maneira contínua ao artista brasileiro. Hoje, nossa "galeria" já é bastante significativa, o que nos deixa orgulhosos. Afinal, a história das empresas do Grupo BASF no Brasil já pode ser contada também por muitos artistas, pintores, bailarinos e músicos que nos honram com sua presença no Programa Cultural BASF.

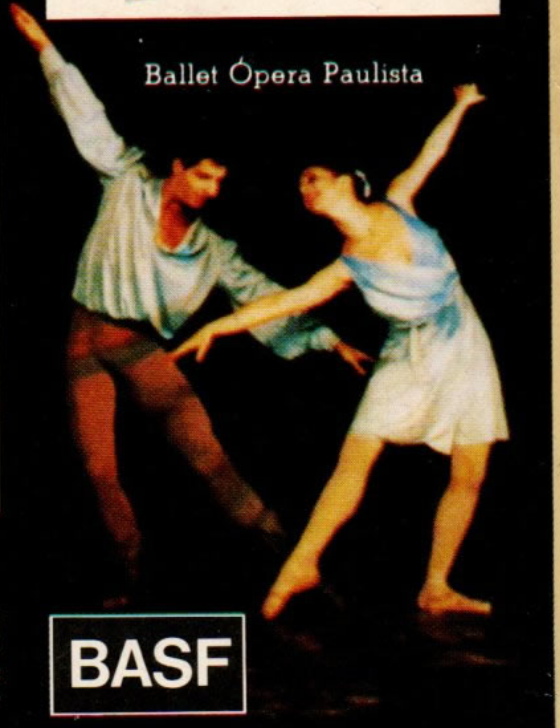
Memória

Discos de cultura

Calendários

Ballet Ópera Paulista

Arte do caminhão



BASF Brasileira
Glasurit do Brasil
BASF Química da Bahia
Isopor

BASF